

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL
PROJETO FINAL EM COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL

A Flor e o Hijab: O Feminismo Islâmico através da linguagem do *Storyboard*

Letícia Abdallah Correia Antun

Orientadora: Prof. Dra. Erika Bauer

Brasília
2022

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL
PROJETO FINAL EM COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL

A Flor e o Hijab: O Feminismo Islâmico através da linguagem do *Storyboard*

Projeto Final em Comunicação Social
apresentado ao curso de Comunicação
Organizacional da Faculdade de Comunicação
da Universidade de Brasília, como requisito
parcial para obtenção de grau Bacharel em
Comunicação Organizacional, sob orientação da
Professora Doutora Erika Bauer.

Brasília
2021

Letícia Abdallah Correia Antun

A Flor e o Hijab: O Feminismo Islâmico através da linguagem do *Storyboard*

Projeto Final em Comunicação Social
apresentado ao curso de Comunicação
Organizacional da Faculdade de Comunicação
da Universidade de Brasília, como requisito
parcial para obtenção de grau Bacharel em
Comunicação Organizacional, sob orientação da
Professora Mestre Erika Bauer.

Banca examinadora:

Prof. Me. Erika Bauer (Orientadora)

Prof. Me. Caíque Novis

Prof. Dra. Elen Gerales

Prof. Dra. Rose May (suplente)

Dedico este trabalho às mulheres da minha família.

AGRADECIMENTO

Gostaria de agradecer e dedicar este trabalho às seguintes pessoas:

Minha mãe, Andréa e meu pai, Abdallah, por terem me ajudado a chegar à universidade.

A professora Erika pela paciência e apoio no meu processo de conclusão desse capítulo da minha vida.

Agradeço aos professores que fizeram parte da minha trajetória na FAC, Elen Geraldes, Caíque Novis e Rose May, que aceitaram fazer parte da defesa do meu projeto de conclusão de curso. E também ao professor Ítalo Cajueiro por ter me ajudado no início deste trabalho.

A minha companheira Allana, que me apoiou, leu e me escutou. E sempre esteve comigo durante todo o processo do trabalho. Aos meus amigos, Lucas, Lud, Igor e Dani por fazerem parte dos melhores momentos da graduação. Aos amigos Elton, Israel, Camillo pela força e motivação que me deram.

Admiro muito todos vocês, obrigada por fazer o caminho até aqui mais leve.

RESUMO

Este trabalho é uma pesquisa aplicada, através da produção de um conjunto de ilustrações para um *storyboard*, onde a temática é o Feminismo Islâmico. A partir da construção de um roteiro, o *storyboard* é considerado, neste trabalho, como um instrumento de comunicação visual baseado em desenhos sequenciais. Para que o tema da narrativa tomasse forma, foi pesquisado conceitos sobre o Feminismo Islâmico através das autoras Fatima Mernissi e Leilah Ahmed. Também são discutidas as questões de representação da mulher muçulmana no cinema e como se descreve o processo de criação e pré-produção de uma narrativa visual em *storyboard*.

Palavras-chave: *Storyboard*; Feminismo Islâmico; Comunicação visual.

ABSTRACT

This work is an applied research, through the production of a set of illustrations for a storyboard, where the theme is Islamic Feminism. From the construction of a script, the storyboard is considered, in this work, as a visual communication instrument based on sequential drawings. For the theme of the narrative to take shape, concepts about Islamic Feminism were researched through the authors Fatima Mernissi and Leilah Ahmed. Also discussed are the issues of representation of Muslim women in cinema and how to describe the process of creation and pre-production of a visual storyboard narrative.

Keywords: Storyboard; Islamic Feminism; Visual communication.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

1.1 Objetivos

- a. Objetivo geral
- b. Objetivos específicos

1.2 Justificativa

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Feminismo Islâmico

2.1.2 Singularidades das mulheres muçulmanas no Brasil

2.1.3 Cinema e a representação das mulheres muçulmanas

2.2 *Storyboard* no cinema e na animação

3. PRÉ PRODUÇÃO DE “A FLOR E O HIJAB”

3.1 Roteiro

3.2 Personagens

3.3 Design de personagens

3.4 *Storyboard*

3.4.1 Miniaturas

3.4.2 Decupagem

3.4.3 Registro do processo de produção

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

6. APÊNDICES

6.1 Roteiro

6.2 *Storyboard*

1. INTRODUÇÃO

A universidade é um caminho de muitas experiências e nesses últimos anos, circulei por vários lugares dentro da comunicação, que por si só é tão diversificada. Em meio a tantas leituras, reflexões e conversas na graduação, veio a necessidade de olhar para a ancestralidade árabe da minha família. Na graduação, o cinema se destacou em meus trabalhos acadêmicos - o que antes era entretenimento, tornou-se estudo e observação atenta às diversas linguagens cinematográficas. Em especial, os documentários etnográficos foram os materiais mais significativos para esse trabalho de conclusão de curso. O gosto pessoal por diferentes culturas e sociedades falou tão alto, que procurei entender um pouco mais sobre antropologia ainda na UnB.

Estudar o cinema de mulheres é um alívio no meio de uma maioria esmagadora de filmes de visão patriarcal *hollywoodiana*. Como mulher brasileira de ascendência árabe, vejo os estereótipos e símbolos que permeiam a mulher muçulmana, vistas como oprimidas pelo patriarcado do mundo árabe. Esse imaginário da mulher árabe está pré concebido na mente das brasileiras e brasileiros, de acordo com os discursos e imagens que as mídias veiculam. Neste trabalho, o foco será em criar uma narrativa visual, um recorte da realidade. E mais especificamente apresentar como funciona a elaboração de um *Storyboard* para um futuro curta-metragem em animação 2D.

O audiovisual representa uma sociedade/cultura. Para Stuart Hall, "nós concedemos sentido às coisas pela maneira como as representamos" (HALL, 2016, p.21). A relevância desse trabalho está nas desconstruções dos preconceitos apresentados em tantos filmes de grande massa, através de uma perspectiva feminista islâmica, e ainda, para dar algum espaço a esse cinema pouco estudado e debatido entre nós.

Para falar sobre o feminismo e suas pautas que, felizmente, cada dia mais ganham espaço, preciso primeiro entender meu local de fala como mulher feminista do ocidente, que está familiarizada com autoras também ocidentais. Partindo desse ponto, os feminismos islâmicos, no plural, se mostraram como uma vertente relativamente atual, cada país com a sua própria luta e história. Levando em consideração a religião islâmica como grande parte da vida cultural e ideológica das mulheres árabes, surge o movimento político "feminismo islâmico". Segundo Bruna

Cecília Carvalho Oliveira, em *O Cinema de mulheres no contexto islâmico*: “Nós vemos as sociedades islâmicas como sendo tão patriarcais e opressivas que supomos não haver oportunidade para as mulheres se insurgirem contra estas práticas dentro do seu próprio sistema” (Oliveira, 2016, p.5)”. Em contraponto, esse conceito segundo Ziba Mir-Hosseini, essa vertente do feminismo surge, para interpretar o Alcorão, livro sagrado da religião islã, de forma hermenêutica, sem a leitura patriarcal difundida por séculos. Assim nasce essa vertente também para feminismo ocidental, quebrando o preconceito existente sobre a mulher árabe pensada como regressista.

Neste trabalho, para que o *Storyboard* fosse produzido, houve a necessidade de entender melhor como se tratar esse tema sobre uma cultura tão complexa para nós brasileiras, e como representá-la através de uma narrativa.

A premissa de pesquisa é : Como podemos tratar do Feminismo Islâmico por meio da narrativa do *Storyboard*? E entender quais são os desafios para o desenvolvimento de um roteiro para animação e produção de um *storyboard*. Visando como objetivo Ilustrar um *storyboard* que seja base para a produção de um futuro curta-metragem animado em 2D sobre o feminismo islâmico. Este trabalho memorial se apresenta como registro das etapas tomadas para que o *Storyboard* tomasse forma.

1.1 Objetivos

Nas seções abaixo estão descritos o objetivo geral e os objetivos específicos deste trabalho.

a. Objetivo geral

Ilustrar um *storyboard* que seja base para a produção de um curta-metragem animado em 2D sobre o feminismo islâmico e o desafio de trabalhar essa cultura tão complexa.

b. Objetivos específicos

- Construir um roteiro com o tema: Feminismo Islâmico
- Contextualizar o tema "Feminismo Islâmico"
- Demonstrar o processo de pré produção de uma animação 2D (Roteiro, *Design* de personagem e *Storyboard*)

1.2 Justificativa

O trabalho visa uma comunicação interdisciplinar entre o audiovisual e a antropologia, entendendo como o cinema pode auxiliar no entendimento de uma pauta feminista dentro da religião/cultura. A motivação pessoal para a realização de um trabalho que fale sobre o feminismo islâmico, veio da inquietação sobre a ruptura entre os tipos de feminismos e como cada um se encaixa em seu contexto. E pela curiosidade sobre a ancestralidade da minha família, quando chegou e de onde veio. Pela visão acadêmica, o tema é quase uma novidade, pois o cinema árabe foi pouco explorado nos estudos da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. O mundo árabe ainda é envolto em tabus, e faz-se necessário dar luz às teorias feministas árabes que envolvam o cinema. A linguagem escolhida foi do *Storyboard*, um documento técnico que é utilizado como guia/base para a equipe de produção de um filme, porque, ele é uma ferramenta visual simples e demonstra como contar uma história já na pré-produção de um filme.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A fim de contemplar o contexto por trás desse trabalho experimental, foi necessário mergulhar na pesquisa da área da antropologia e da linguagem audiovisual, mais especificamente o *storyboard*. Em um primeiro momento, as obras mais consultadas foram *Professional Storyboarding Rules of Thumb*, de Sergio Paez e Anson Jew, onde o processo para se fazer um *Storyboard* é dissecado e explicado em cada detalhe. Em conjunto, o guia prático *The Animator's Survival Kit Expanded Edition*, de Richard Williams (2009), para entender a etapa que será o futuro produto deste trabalho, que será uma animação.

Sobre feminismo, a principal autora pesquisada para este trabalho foi a Laura Mulvey, por sua linha de pesquisa sobre a representação das mulheres no cinema.

Indo para a área da antropologia, foi necessário entender como se estrutura o feminismo islâmico, antes mesmo da construção do roteiro que deu base ao *Storyboard*, suas teóricas feministas Fatima Mernissi, uma das principais representantes intelectuais na luta pelos direitos das mulheres no Islã e Leila Ahmed, importante pesquisadora do feminismo islâmico. As duas autoras conceituam essa vertente do feminismo e explicam suas ideologias. O intuito não foi abarcar toda a complexidade do feminismo islâmico mas sim introduzir e esclarecer o tema para dar base ao entendimento do roteiro e *storyboard* produzidos. Sobre a estética e linguagem do produto final, a quadrinista árabe Marjane Satrapi foi a principal inspiração com sua obra *Persépolis*.

2.1 Feminismo Islâmico

As religiões formam estruturas de comportamento social, segundo Jamal J. Elias, [...] “religiões e ideologias não apenas formam civilizações, mas influenciam diretamente os eventos internacionais”¹ (2005, p. 7, tradução nossa). Em um dos muitos conceitos de cultura, a religião está entre um dos fatores que influenciam ideologias políticas. Segundo Roque de Barros Laraia:

"Culturas são sistemas (de padrões de comportamento socialmente transmitidos) que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos. Esse modo de vida das comunidades inclui tecnologias e modos de organização econômica, padrões de estabelecimento, de agrupamento social e organização política, crenças e práticas religiosas, e assim por diante."(LARAIA, 1986, p. 56)

Com a religião islâmica não é diferente. Entretanto, através da visão ocidental, essa afirmação se torna mais envolta de tabus e preconceitos, devido ao número de matérias jornalísticas equivocadas sobre o assunto - uma imagem etnocêntrica, mostrando um mundo atrasado, extremista e opressor.

"O legado ocidental de androcentrismo e misoginia, embora difiram em suas especificidades, não é, no entanto, em geral, melhor do que o de outras culturas, incluindo a islâmica."² (AHMED, 1992, p. 128, tradução nossa)

Segundo Fatima Mernissi (1991, p. 6, tradução nossa), autora feminista, “O islã sozinho é condenado por muitos ocidentais por bloquear o caminho para os direitos das mulheres”³. A autora reforça o fato de que o ocidente vê as mulheres muçulmanas como oprimidas (pela religião e pelo véu *hijab*), concretizando a ideia de que elas não têm direitos dentro da sociedade islâmica.

¹ *"religions and ideologies not only form civilizations but directly influence international events"* (ELIAS, 2005, p. 7)

² *"The Western legacy of androcentrism and misogyny, though differing in its specificities, is nevertheless, generally speaking, no better than that of other cultures, including the Islamic."* (AHMED, 1992, p. 128)

³ *"Islam alone is condemned by many Westerners as blocking the way to women's rights"* (MERNISSI, 1991, p. 6)

"É claro que as diferenças de classe, etnia e cultura local qualificam criticamente as experiências das mulheres e dão especificidade às maneiras particulares pelas quais elas são afetadas pelos amplos discursos sobre gênero dentro de suas sociedades."⁴ (AHMED, 1992, p. 7, tradução nossa)

"As mulheres podem experimentar tanto empoderamento como subordinação dentro de contextos religiosos" (VIEIRA, 2018, p. 12). Segundo Gema Martín Muñoz:

...as sociedades ocidentais seculares têm sido mal informadas e tornam-se tendenciosas quando não entendem que o problema das mulheres no Islã não é religioso, mas sim de uma religião usada por uma sociedade patriarcal e, portanto, a militância islâmica/feminismo pode realmente permitir que as mulheres desenvolvam um relacionamento moderno com o Islã e abram brechas na ordem patriarcal existente. (2018, p. 12 apud Gema Martín Muñoz, 1999, p.13).

"Muçulmanos reacionários, ao criarem versões repressivas do Islão, contribuíram para estes estereótipos no Ocidente." (OLIVEIRA, 2016, p. 5). Não procuro dizer que o papel de mulheres oprimidas foi criado pela mídia, mas os fundamentalistas são responsáveis por isso.

O patriarcado predomina em muitas formas de sociedade, os ensinamentos sagrados do alcorão foram direcionados a um sistema patriarcal árabe (que foram os primeiros a entrarem em contato com a religião) mas segundo a autora Asma Barlas, o Alcorão deve ser lido de forma antipatriarcal por feministas e não feministas, e que o texto pode ser lido em termos igualitários. O feminismo islâmico surge como um movimento em meados dos anos 90, com o propósito de proclamar os direitos das mulheres dentro do Islã, em um viés religioso.

⁴ "Of course, differences of class, ethnicity, and local culture critically qualify the experiences of women and give specificity to the particular ways in which they are affected by the broad discourses on gender within their societies" (AHMED, 1992, p. 7)

A história de Aisha, segunda esposa de Muhammad⁵, inspira e traz o exemplo de como mulheres podem ser líderes e empoderadas no islã do patriarcado. A autora Leila Ahmed conta em *Woman and Gender in Islam: Historical Roots to a Modern Debate*:

"O próprio fato da contribuição das mulheres para essa importante literatura indica que pelo menos a primeira geração de muçulmanos – a geração mais próxima dos dias de Jahilia e das atitudes de Jahilia em relação às mulheres – e seus descendentes imediatos não tiveram dificuldade em aceitar as mulheres como autoridades. Isso também significa que a literatura inicial incorpora pelo menos algum material que expressa as opiniões das mulheres de forma bastante direta, como a resposta indignada de Aisha à noção de que as mulheres podem ser religiosamente impuras."⁶ (1992, p. 47, tradução nossa)

O fato tratado nesse capítulo, é que o feminismo islâmico não abdica de sua religião para ser feminista. A visão de que mulheres que usam o véu são oprimidas, parte principalmente do ocidente, onde mulheres que mostram os corpos são lidas como "libertas". O islã no ocidente, não é uma forma de identidade e manifestação cultural, é uma personificação equivocada da opressão.

⁵ "According to Islamic tradition, in around 582 ce a Christian hermit, Bahira, was living in the Syrian desert when, one day, a boy passing by with a camel train caught his attention. After talking with him, Bahira concluded that the sign of prophecy was upon the boy. He was destined for greatness, Bahira told the boy's guardians, and should be cared for well. The young boy was Muhammad, who became the prophet of Islam and, according to Muslims, God's Final Messenger." (DORLING KINDERSLEY, 2020, p. 25)

⁶ "The very fact of women's contribution to this important literature indicates that at least the first generation of Muslims—the generation closest to Jahilia days and Jahilia attitudes toward women—and their immediate descendants had no difficulty in accepting women as authorities. It also means that the early literature incorporates at least some material expressing the views of women fairly directly, such as Aisha's indignant response to the notion that women might be religiously unclean." (AHMED, 1992, p. 47)

2.1.2 Singularidades da mulheres muçulmanas no Brasil

Devido ao fato de que a história contada no roteiro produzido neste trabalho, se contextualiza no Brasil, houve a necessidade de um aprofundamento de pesquisa sobre a comunidade muçulmana no país. Existe uma diversidade de templos religiosos no país, que é um estado laico e diverso em cultura. E nesse contexto, há uma minoria religiosa islâmica. Segundo a pesquisa realizada em 2009 por *Pew Research Center's Forum on Religion and Public Life*, os muçulmanos são 25% da população mundial⁷. No Brasil, segundo o censo de 2010 do IBGE, 35.167 brasileiros são adeptos da religião islã⁸.

Em uma esfera mais pessoal, tive contato com vizinhas muçulmanas, em meados de 2015, e via essas mulheres usando *hijab*, elas eram reservadas mas porque recebiam olhares de "repressão" de outros vizinhos homens.

"O véu, apesar de ter seu uso obrigatório em uma série de países, é, por vezes, uma escolha da mulher. Ainda assim, por ser usado por mulheres cujos países são marcados pela diversidade cultural, não se pode estabelecer um único modelo social de seu uso." (AGUIAR E COSTA, ANO, p. 11)

Desde aquele momento me interessei em saber mais sobre como essas mulheres vivem no Brasil. Cristina Maria de Castro em "Usar ou não o *hijab* no Brasil?", cita Edward Said, autor que defende que o ocidente enxerga o oriente de forma distorcida:

No Brasil, o véu, quando usado, torna visível a filiação à fé islâmica e expõe as mulheres muçulmanas aos julgamentos e interpretações da religião feitos pela sociedade mais ampla, influenciada por uma mídia manifestamente orientalista (SAID apud CASTRO, 2015).

A questão do *hijab*, *niqab* ou *burq* é a razão dos olhares preconceituosos, seja por associação ao terrorismo, à opressão, fanatismo e à identidade de cultura estrangeira. Essas mulheres são alvo de diversos preconceitos por seguirem uma religião. "Apesar da grande atenção que a religião islâmica vem recebendo da mídia

⁷ Pesquisa realizada em 2009 por Pew Research Center's Fórum on Religion & Public Life (www.pewforum.org).

⁸ Pesquisa realizada em 2010 pelo IBGE (<https://cidades.ibge.gov.br/>).

(ainda que não da forma desejada pelos muçulmanos), alguns brasileiros podem permanecer alheios ao *hijab* e ao que ele representa" (CASTRO, p. 368, 2015).

2.1.3 Cinema e a representação das mulheres muçulmanas

Em "Prazer visual e cinema narrativo" a autora e professora Laura Mulvey utiliza a psicanálise, método de investigação da mente humana, para argumentar sobre como o cinema é uma ferramenta de representação e como as engrenagens funcionam de forma falocêntrica para que a mulher seja submissa, objetificada e vítima do homem. Nós estamos acostumadas a nos ver no cinema como coadjuvante, enquanto que o homem cumpre o papel do herói, principalmente no cinema de *Hollywood*. "O desejo da mulher fica sujeito à sua imagem enquanto portadora da ferida sangrenta; ela só pode existir em relação à castração e não pode transcendê-la." (MULVEY, 1999, p. 843). De acordo com a autora, o cinema é utilizado como linguagem de reflexo da sociedade patriarcal na qual vivemos, em um sistema que enxerga as mulheres como eternas vítimas (MULVEY, 1999) "O paradoxo do falocentrismo em todas as suas manifestações reside no fato de que ele depende da imagem da mulher castrada para dar ordem e significado ao seu mundo." (MULVEY, 1999, p. 833).

Essa configuração é desde os primórdios do cinema, e felizmente na atualidade, mesmo que ainda falte visibilidade, vemos mais mulheres em todo o mundo desempenhando o papel de direção e protagonismo no audiovisual. Mulheres muçulmanas também são exemplo desse fato:

"Sua posição transcultural e agilidade permitem que elas criem imagens próprias e únicas, apesar de dois sistemas opressivos e patriarcais de representação das mulheres: é global, derivado de Hollywood e o tradicional masculino regional."⁹ (MARTIN, 2011, p. 2, tradução nossa)

A ideia e conceito de "mulher castrada" que Mulvey traz, chama atenção pelo fato de que as mulheres muçulmanas são pensadas explicitamente de acordo com essa representação. Pela lente do audiovisual, Mulvey cita que o cinema se transformou, e com as novas tecnologias podem ser feitos tantos filmes *mainstream*, quanto filmes alternativos. Em uma comparação ao cinema hollywoodiano, Mulvey

⁹ "Their transcultural position and agility allow them to craft unique images of their own despite two oppressive, patriarchal systems of representation of women: a global one derived from Hollywood and the traditional regional male one." (MARTIN, 2011, p. 2)

diz: "[...] para ressaltar o fato de que o cinema alternativo deve começar especificamente pela reação contra essas obsessões e premissas." (1999, p. 834)

Em relação ao cinema livre de regras, e menos conhecido, estão as mulheres muçulmanas, que passam muitas dificuldades para fazer tal tipo de projeto. Entende-se que cada país árabe (onde estão a maioria das pessoas que praticam o islã), tem leis e diretrizes diferentes. O Egito, Turquia e Irã são exemplos de países emergentes do feminismo islâmico, então muitas das obras audiovisuais feitas por mulheres vem desses países. "A emergência de um cinema de mulheres põe em foco este cinema nacional que denuncia a situação destas mulheres no seu país de origem e coloca-as num foco transnacional." (OLIVEIRA, 2020, p. 28).

O cinema é assunto conturbado no islã, então para as mulheres cineastas que tratam das questões de gênero é ainda mais complicado. *I Still Hide To Smoke* de Rayhana Obermeyer lançado em 2016, é um exemplo de filme feito em coprodução com países europeus, devido a falta de apoio local. Sobre a representação das espectadoras, a autora Lina Khatib, em *Filming the Modern Middle East Politics in the Cinemas of Hollywood and the Arab World*, explica como os diferentes tipos de cinema árabes podem ser ambíguos em significado em relação à representação da mulher.

"[...] essa dicotomia é paralela à do contraste entre a representação de mulheres fundamentalistas islâmicas reprimidas e a de mulheres modernas (politicamente) ativas, significando as faces modernas do Egito e da Argélia."¹⁰ (2016, p. 64, tradução nossa)

Lina Khatib traz a ideia de que não é possível homogeneizar a representação das mulheres muçulmanas, esse tipo de cinema é muito extenso e cada país enxerga e representa as mulheres no cinema de maneiras diferentes.

"A análise dos filmes árabes mostra que as noções de gênero e patriarcado não podem ser aplicadas universalmente e, portanto, destaca a importância de examinar a representação dos diferentes

¹⁰ "this dichotomy is paralleled by that of the contrast between the representation of repressed Islamic fundamentalist women and that of modern, (politically) active women signifying the modern faces of Egypt and Algeria." (KHATIB, 2016, p. 64)

papéis da mulher nos filmes em um contexto histórico."¹¹ (2016, p. 80, tradução nossa)"

Pensando no ocidente, para além da mídia de grande massa já citada, no capítulo "Femismo Islâmico", quero dar atenção ao cinema. "Com o tempo, a imagem feminina árabe passou de mulher do harém ou da dança do ventre para a mulher de burca e totalmente subjugada." (ORTUNES, 2015, p. 343)". Desde os primórdios de *Hollywood*, com o fim da segunda guerra mundial, muçulmanos são tratados como inimigos. As mulheres eram vistas como dançarinas sensuais em filmes como *Ali Babá e os Quarenta Ladrões* (1944) de Arthur Lubin. E atualmente, elas são ligadas a imagem de oprimidas e regressas.

Já em filmes de animação, cito o exemplo do mundialmente famoso *Aladdin* (1992) da Disney. Esse filme é amplamente criticado pelos inúmeros estereótipos de árabes e muçulmanos.

Pode-se concluir que a imagem da mulher muçulmana é diversa de acordo com cada contexto e local no mundo. Essa transição entre "dançarina do ventre a burca" ocorreu principalmente no ocidente onde vários contextos históricos ocorreram para que isso se tornasse a realidade de hoje.

¹¹ "The analysis of the Arab films shows that notions of gender and patriarchy cannot be applied universally, and therefore highlights the importance of examining the representation of the different roles of women in the films in a historical context." (KHATIB, 2016, p. 80)

2.2 *Storyboard* no cinema e na animação

A imagem concreta nos circunda desde os primórdios da humanidade, da representação da caça em cavernas. “Estes desenhos destinavam-se a comunicar mensagens[...]” (MARTINE JOLY, 2007, p. 18). Atualmente, vemos as imagens de todas as formas, sejam imagens fixas, sequenciais ou animadas, e assim como era na época pré-histórica, essas imagens comunicam e representam algo pré determinado (ou não). Sobre a imagem concreta, segundo Joly, “Imagem, portanto, no espelho e tudo aquilo que utiliza o mesmo processo de representação;[...]” (2007, p. 13). Do que se trata da comunicação e a arte, a imagem é:

No domínio da arte, com efeito, a noção de imagem está ligada essencialmente à representação visual: frescos e pinturas mas também iluminuras, ilustrações decorativas, desenho, gravura, filmes, vídeo, fotografia e mesmo imagens compostas. (JOLY, 2007, p. 19)

Em contraponto, Marcel Martin traz outro conceito para essas imagens, “o caráter quase mágico da imagem fílmica aparece com perfeita clareza: “a câmera cria uma coisa muito diferente de uma simples cópia da realidade.” (2005, p. 22). Em relação a imagem animada, os dois conceitos conversam, pois a animação está entre a representação da realidade e a arte fantasiosa de uma linguagem que uma câmera ou desenho passa ao espectador.

Em relação a essas imagens que chegam até nós espectadores como um produto final, uma sequência de imagens/desenhos também é criada antes mesmo do filme ser produzido. Para contar a história do *storyboard*, Sergio Paez e Anson Jew, em *Professional Storyboarding Rules of Thumb*, nos levam para o início da história do cinema:

“Os irmãos Lumière emocionaram o público pagante com imagens simples de trabalhadores saindo da fábrica dos irmãos Lumière. Essas primeiras audiências ficaram impressionadas com a simples novidade de assistir a fotografias em movimento.”¹² (2013, p. 16, tradução nossa).

¹² The Lumière Brothers thrilled paying audiences with simple footage of workers strolling out of the Lumière Brothers’ factory. These early audiences were impressed by the simple novelty of watching moving photographs. (PAEZ; JEW, 2008, p. 3)

E a partir daí a imagem começa seu caminho como uma forma de construir uma narrativa. Revendo a história do cinema, novas técnicas de câmera foram se desenvolvendo no século 20, e então os cineastas sentiram a necessidade de planejar antecipadamente a narrativa visual, em conjunto com artistas, para a gravação de seus filmes. (PAEZ; JEW, 2013). Em um momento inicial, serviam como artes conceituais, a que Walt Disney desenvolveu o uso mais conhecido hoje do *storyboard*, com a obra *Plane Crazy* (Disney, 1928). (PAEZ; JEW, 2013).

O *Storyboard* é um documento base, versátil, da pré-produção de filmes, em *live action* ou animação, seja para obras audiovisuais ou construção de um jogo, por exemplo. Segundo Antonio Cesar Fialho de Souza, o *Storyboard* nada mais é do que a representação visual do roteiro. (SOUZA, 2005). E também para John Hart: "são desenhos conceituais que esclarecem e aumentam a narrativa do roteiro"¹³ (2008, p. 1, tradução nossa). Ele é feito de esboços sequenciais, "Esta sequência de imagens fixas é adequada para contar a progressão da história visualmente e decompor as principais ações dos personagens [...] (SOUZA, p.77). Com esse documento, podemos ter as primeiras noções de enquadramento, movimentação dos personagens, e em alguns casos de cenário. E para além da prática visual do roteiro, segundo John Hart:

"Eric Sherman afirma em *Dirigindo o Filme*: "O *storyboard* consiste em fazer uma série de esboços onde cada cena básica e cada configuração de câmera dentro da cena é ilustrada – é um registro visual da aparência do filme antes do início das filmagens."¹⁴ (2008, p. 3, tradução nossa)

Essa ferramenta também tem a função de comunicar quais linguagens de câmera serão utilizadas, de forma simplificada, em cada quadro da narrativa. Como justificativa para o uso do *storyboard*, segundo Paez e Jew:

"*Storyboarding* permite editar e alterar as coisas no papel, antes que qualquer filmagem cara comece [...]. Também permite que muitas pessoas vejam o desenvolvimento do filme e tenham certeza de que a

¹³ "they are concept drawings that illuminate and augment the script narrative" (HART, 2008, p. 1)

¹⁴ "Eric Sherman states in *Directing the Film*, 'The storyboard consists of making a series of sketches where every basic scene and every camera setup within the scene is illustrated – it is a visual record of the film's appearance before shooting begins" (HART, 2008, p. 3)

história está funcionando para o máximo efeito emocional.”¹⁵ (2013, p. 17, tradução nossa).

Também é importante entender que a narrativa em imagens sequenciais, é um objeto de trabalho em si, ou seja, contam uma história independente do produto final (filme). Por isso que muitas pessoas comparam a linguagem de *storyboard* com a de história em quadrinho. Mas na verdade, há muitas diferenças entre os dois. Como por exemplo, o *storyboard* não tem "balões de fala" pois o diálogo ou narração (quando presente) é escrito separadamente dos quadros de desenhos, como uma indicação para a equipe de produção. O *storyboard*, normalmente, indica uma decupagem de câmera "real", com ângulos e movimentos possíveis. Esses são casos de filmes *live-action* em sua maioria. Quando se trata da animação, nem sempre esses planos precisam ser "reais".

No caso da narrativa em *storyboard* deste trabalho, foram utilizados os métodos do livro *Professional Storyboarding Rules of Thumb*, e da obra em HQ da autora Marjane Satrapi, um entrelaçamento estético entre *storyboard* e HQ.

¹⁵ “Storyboarding allows you to edit and change things on paper, before any expensive shooting begins [...]. It also allows many people to look at the development of the film and be sure that the story is working for maximum emotional effect.” (PAEZ; JEW, 2013, p. 17)

3. PRÉ PRODUÇÃO DE A FLOR E O HIJAB

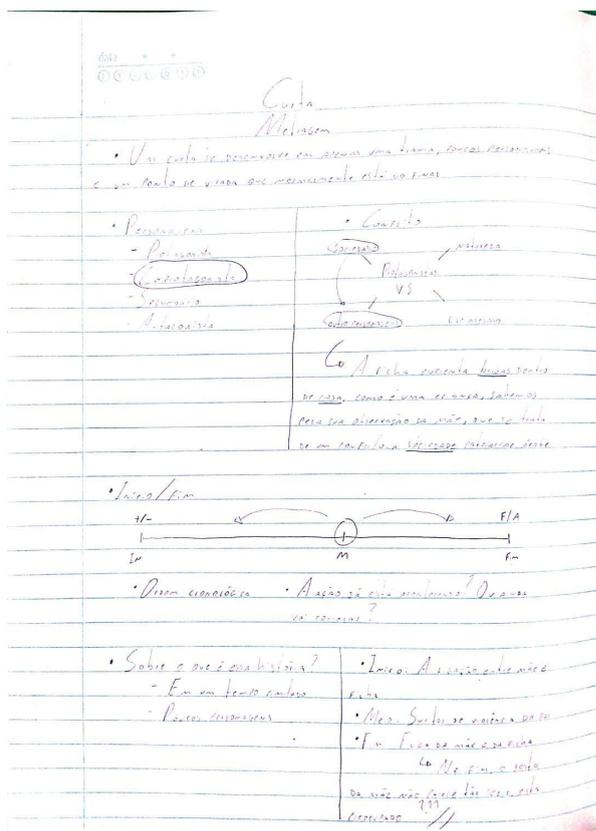
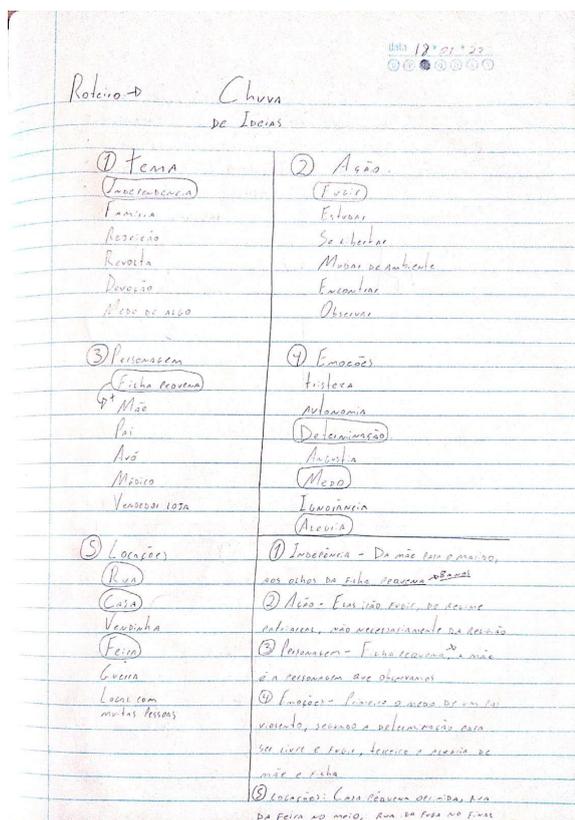
Comecei minhas pesquisas no início de janeiro. O início foi complicado, pois entendo a importância de uma equipe para a uma pré-produção de um curta-metragem. Fazer várias funções ao mesmo tempo me deixou confusa e com bastante coisa para pesquisar. Mas logo consegui organizar as ideias, o professor Ítalo Cajueiro me ajudou bastante nesse período. Ele me instigou a pensar mais sobre meu roteiro, já que só estava procurando referências visuais gerais, e logo entendi a importância da pesquisa relacionada a característica e sentimentos que quis passar com cada personagem.

Para dar início ao processo de criação de uma história, procurei referências sobre o tema que quis tratar. A primeira obra de referência foi Persépolis (2008), história em quadrinho e a adaptação em animação de Marjane Satrapi. Logo, vi filmes de diretoras árabes como: *I Still Hide to Smoke* (2016) de Rayhana Obermeyer, que me deu a ideia de nome para a personagem Samia. Nesse momento comecei a ter certa dificuldade em achar obras de diretoras árabes disponíveis na *Internet*. Muitos filmes da 2ª Mostra de Cinema Árabe Feminino Centro Cultural Banco do Brasil me interessaram, mas infelizmente não tive acesso. A partir daí, meu interesse aumentou em produzir algo que desse luz ao tema do feminismo islâmico, pois de acordo com as minhas pesquisas, ainda é um assunto escasso na área da comunicação em Brasília.

3.1 Roteiro

Com o tema em mente, comecei a produção do roteiro, com um simples *Brainstorm* ou “chuva de ideias”. Com a seguinte configuração:

Tema; Ação; Personagem; Emoções; Locações



Fonte: Produção própria

As primeiras ideias e rascunhos sobre o tema do roteiro foram se alterando com o tempo, mas mantendo a mensagem principal. As alterações foram feitas principalmente em relação a fantasia que queria trazer ao filme. Nos primeiros esboços, o roteiro parecia mais um *live-action*. Mas depois de conversas com a professora Erika e o professor Ítalo, percebi que faltavam elementos lúdicos da visão infantil no roteiro. O que era minha ideia desde o princípio.

O roteiro de “A Flor e o Hijab” trata do tema da liberdade. É sobre uma família muçulmana que vive no Brasil nos anos 90. No que se diz respeito ao feminismo

islâmico, ele expressa que a sociedade patriarcal está em todos os lugares, e que é disassociado da fé.

O roteiro tem a menina Samia como protagonista, a estória é contada sob seu olhar, e sua mãe Aisha é a coprotagonista, porque toma as ações para que haja desenvolvimento da história. Salem é a personificação da sociedade patriarcal e opressão no roteiro. A ideia de retratar esse tema sob a núcleo familiar, veio de uma conversa com a Professora Erika, entendemos que podem surgir várias nuances e assuntos dentro do âmbito família, e então a história foi surgindo de acordo com o tema principal e as pesquisas sobre feminismo islâmico.

Eu queria passar a mensagem de uma forma sensível e discreta, os elementos chaves do filme são: A planta de Samia, o livro que Aisha presenteia Samia, o batom, e os comportamentos de Salem em relação a esses elementos.

- A Planta: Esse elemento representa a esperança e o crescimento. A planta é introduzida logo na primeira cena do roteiro, e também termina o filme.
- O Livro: Esse elemento está ligado ao conhecimento e à imaginação. No primeiro momento, é como uma porta de entrada ao mundo colorido e novo para Samia.
- O Batom: Esse elemento representa a beleza e a vaidade. No momento em que é apresentado, ele faz uma ligação entre Aisha e Samia. Também mostra a vaidade da mulher muçulmana.
- Comportamentos de Salem: Esse é o personagem antagonista que reage às ações da coprotagonista Aisha. As ações dele são consideradas um elemento chave pois é nesses momentos que percebemos a cultura patriarcal enraizada em nossa sociedade. Ele é um pai intolerante ao conhecimento, à imaginação e à vaidade.

3.2 Personagens

Os personagens foram pensados como personificações de “opressão, rebeldia e esperança”. Para o desenvolvimento do roteiro, esses são atos de acordo com a personalidade de cada personagem.

Samia -

Samia, 8 anos. É pequena e magra. Tem uma postura tímida. Tem cabelos pretos parecidos com os de sua mãe. Mora com o pai e a mãe no Brasil. Tem admiração pela sua mãe por ser muito bonita. Tem medo de seu pai, por ser violento. Samia gosta de cuidar de plantas e vê-las crescer. Sua visão de mundo pode ser um pouco lúdica. É a esperança.

Aisha -

Aisha, 30 anos. Altura média e magra. Tem os cabelos pretos. Casada com Salem. Essa relação é conturbada por violência por parte do marido. Ela é fiel ao islã e segue sua religião por opção própria. Trabalha fora de casa. É muito vaidosa e cuidadosa. Ela quer dar à filha uma oportunidade de estudar. É a rebeldia. A escolha do nome dessa personagem é uma referência a segunda esposa do profeta Muhammad. Referenciada no livro *Woman and Gender in Islam: Historical Roots to a Modern Debate* de Leila Ahmed.

Salem -

Salem, 45 anos. É violento e rabugento. Alto, magro e com um bigode grande. Tende a ver muita televisão e é fanático ao extremismo islã. É casado com Aisha. Se vê desafiado por ela e não quer que influencie a filha Samia. Tem uma pinta no rosto perto do nariz. É a opressão. Esse personagem foi pensado como representação do patriarcado em Persépolis de Marjane Satrapi.

3.3 Design de personagens

As principais referências para a estética dos personagens e cenários foram, a obra em quadrinho “Persepolis” de Marjane Satrapi (2008) e o filme animado “Se algo acontecer... Te amo” (2020) de Will McCormack e Michael Govier.



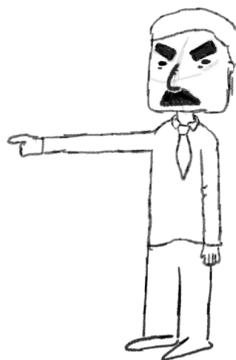
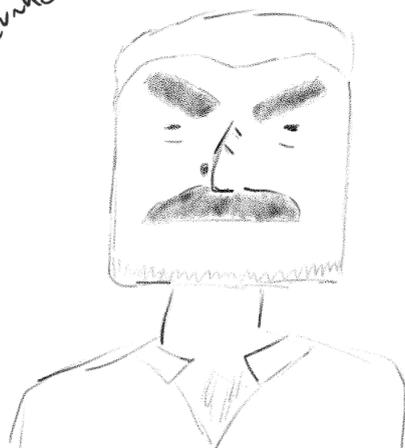
Fonte: mubi.com



Fonte: lugarnenhum.net

Pensando na estética dos quadrinhos, criei os personagens de acordo com a simbologia que cada um trás de acordo com a ideia de roteiro.

Salem
1º Rascunho



1º esboço
Aisha



SAMIA
1º Rascunho

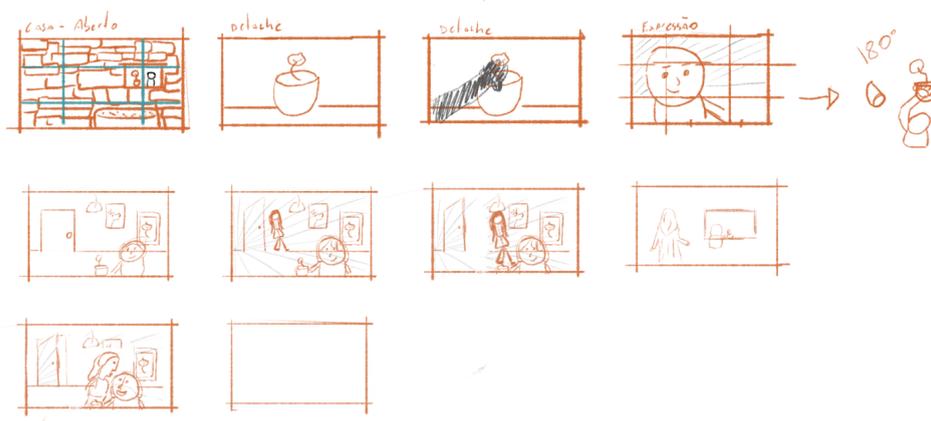


Fonte: Produção própria

3.4 Storyboard

3.4.1 Miniaturas

As miniaturas foram pensadas como uma visualização de composição de cada plano. Após essa etapa, percebi a necessidade de uma decupagem para detalhar melhor cada plano do *Storyboard*.



Fonte: Produção própria

3.4.2 Decupagem

Na pré-produção preparei uma decupagem para detalhar e entender melhor cada plano e montagem de cenas do *Storyboard*, um planejamento inicial de como cada quadro seria. Durante a produção, mudei planos inicialmente pensados, pois na prática eles necessitavam de mais ou menos planos para complementar as ações dos personagens. Então essa decupagem é apenas um planejamento prévio, mas de acordo com a necessidade da narrativa, ela foi mudada.

CENA 1

PLANO	AÇÃO/DESCRIÇÃO	TIPO DE PLANO	ÂNGULO
1	Samia cuida de sua planta que está em um vaso pequeno na janela	Aberto	Frontal/ Normal
2	É uma pequena muda de planta.	Close	$\frac{3}{4}$ Plongée
3	Ela toca a planta	Close	$\frac{3}{4}$ Plongée
4	Observa com uma expressão alegre	Close	$\frac{3}{4}$ Contra Plongée
5	Aisha, que veste uma blusa verde e seu hijab	Plano Médio	Frontal
6	Entra no quarto devagar e surpreende a filha	Médio	Nuca normal
7	Com um beijo na cabeça, Samia sorri	Médio	Normal
8	Aisha entrega um livro à Samia, esse livro é cheio de cores e texturas	Conjunto	Perfil
9	Extra: Close do Livro	Close	-
10	O livro solta cores pelo	Conjunto	Normal

	quarto		perfil
11	Salem, olha pela fresta da porta, ele observa apenas as duas rindo	Médio	Frontal
12	Salem, olha pela fresta da porta, com um olhar preocupado, franzindo as sobrancelhas	Americano	Frontal

CENA 2

PLANO	AÇÃO/DESCRIÇÃO	TIPO DE PLANO	ÂNGULO
1	Salem fecha a porta do quarto devagar	Close	Perfil/ normal
2	Se vira para a sala e caminha em direção a poltrona	Médio	$\frac{3}{4}$ ou frontal/normal
3	Senta e assiste televisão	Médio	Nuca Plongée
4	(Na televisão passa um jogo de futebol brasileiro)	Close	Frontal
5	Ele escuta as risadas da filha	Close	Normal
6	Olha de canto de olho para o quarto, ainda com o rosto preocupado e franzido	Close	Normal
7	Porta do quarto	Médio	$\frac{3}{4}$
8	ele solta um som de resmungo	Close	Normal

CENA 3

PLANO	AÇÃO/DESCRIÇÃO	TIPO DE PLANO	ÂNGULO
1	Samia está de olhos fechados deitada em sua cama.	Médio	$\frac{3}{4}$ plongée
2	Ela escuta vozes e abre o olhos	Médio	$\frac{3}{4}$ plongée
3	As vozes de briga, são de Salem, agressivas, altas e abafadas e de Aisha. (CASA)	Geral	Frontal/norm al
4	Samia pega o cobertor e leva até o pescoço, sua expressão é de medo	Médio	$\frac{3}{4}$ plongée
5	Ela se afunda na cama e (mudou de plano)	Close	$\frac{3}{4}$ plongée
6	e agora ela está em um ambiente todo preto. Ela fica em preto e branco.	Close	$\frac{3}{4}$ plongée
7	Palavras agressivas aparecem,	Close	Médio
8	Samia fecha os olhos com força e balança a cabeça em um gesto de "não".	Médio	Frontal
9	As palavras desaparecem.	Médio	Frontal
10	Em seguida, Manchas brancas e verde aparecem ao seu redor,	Médio	Frontal

11	<i>e ela interage com alegria a esses elementos.</i>	Médio	Frontal
12	Casa do lado fora (noite) *Plano trocado de ordem*	Geral	Frontal

CENA 4

PLANO	AÇÃO/DESCRIÇÃO	TIPO DE PLANO	ÂNGULO
1	Casa do lado de fora com sol	Geral	Frontal
2	No dia seguinte, Samia observa sua mãe ajoelhada fazendo a Salah,	Médio	Nuca
3	observa sua mãe ajoelhada fazendo a Salah, (se transformaram em vários planos para vermos o movimento da Salah)	Médio	Plongée
4	logo depois Aisha se levanta e vai se arrumar na frente do espelho	Médio	frontal
5	logo depois Aisha se levanta e vai se arrumar na frente do espelho	Médio	Frontal
6	Aisha sentada passa batom na boca	Close	Frontal
7	Samia observa a ação da mãe em detalhe	Close	Frontal
8	vê o batom com uma cor muito viva.	Close	Frontal
9	Aisha passa o batom na boca de Samia, (primeiro samia entra no quarto)	Americano	Frontal
10	ela se mexe e fica borrado atravessando o rosto	Americano	Frontal

11	as duas dão risadas altas	Americano	Frontal
12	Junto com as risadas, o quarto brilha em amarelo	Americano	Frontal
13	Salem entra no quarto, abre a porta com força aos gritos.	Médio	Normal
14	A cor do quarto vai se apagando lentamente para a cor cinza	Geral	Frontal
15	enquanto Samia abaixa a cabeça	Close	Frontal
16	Salem tira o batom da mão de Aisha,	Conjunto pp	Perfil
17	Salem tira o batom da mão de Aisha,	Close	Perfil
18	faz um gesto com a mão para Samia sair do quarto.	Conjunto	Contra Plongée
19	faz um gesto com a mão para Samia sair do quarto.		
20	Samia sai em silêncio e rapidamente.	Médio	3/4
21	Aisha se levanta com raiva	Conjunto	Frontal
22	e ela e Salem se olham.	Conjunto	Perfil

CENA 5

PLANO	AÇÃO/DESCRIÇÃO	TIPO DE PLANO	ÂNGULO
1	Samia está no corredor	Médio	$\frac{3}{4}$ Plongée
2	e vê um grande círculo colorido na sua frente,	Médio	Nuca Plongée
3	ela olha alegre	Close	Frontal
4	e entra no círculo	Close	Perfil
5	nesse universo vemos tudo branco	Meio pp	Frontal
6	e pequenas bolinhas em todo lugar	"	Frontal
7	Em seus pés aparece um piano gigante	Médio	Frontal
8	e ela começa a pisar e pular nas Teclas. Muito feliz e animada.	Médio	Frontal
9	Ela é puxada por uma transição,	Médio	Frontal
10	ver-se ela saindo do livro que sua mãe lhe deu.	Close	Plongée
11	ver-se ela saindo do livro que sua mãe lhe deu.	Close	Plongée
12	ver-se ela saindo do livro que sua mãe lhe deu.	Close	Plongée
13	Esse livro brilha intensamente.	Close	Plongée
14	Agora ela está dentro do quarto. Olhando o livro, com o rosto feliz.	Médio	Plongée

CENA 6

PLANO	AÇÃO/DESCRIÇÃO	TIPO DE PLANO	ÂNGULO
1	Aisha anda pelo corredor da casa furtivamente, com uma mochila nas costas,	Médio	Nuca ¾ Plongée
2	olha para trás	Médio	Nuca ¾ Plongée
3	para os lados	Médio	Nuca ¾ Plongée
4	e anda confiante.	Close	Frontal
5	Ela entra no quarto de Samia	Americano	
6	Samia está sentada na cama lendo o livro que sua mãe lhe deu,o livro brilha um pouco	Médio	¾ Plongée
7	Samia fica um pouco confusa com a entrada da mãe	Conjunto	Frontal
8	que entra com um sinal para a filha fazer silêncio	Conjunto	Frontal
9	Aisha abre o guarda roupa	Médio	Perfil
10	e coloca algumas roupas na mochila que está no chão.	Close	Plongée
11	Ela dá a mão para Samia,	Close	Contra plongée

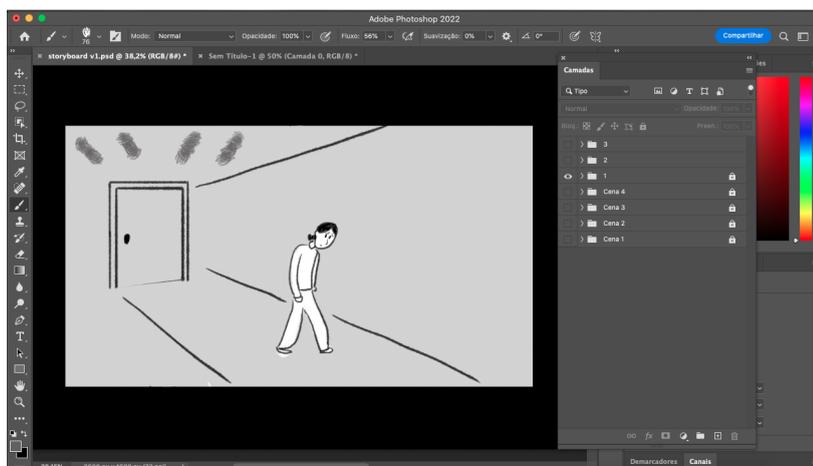
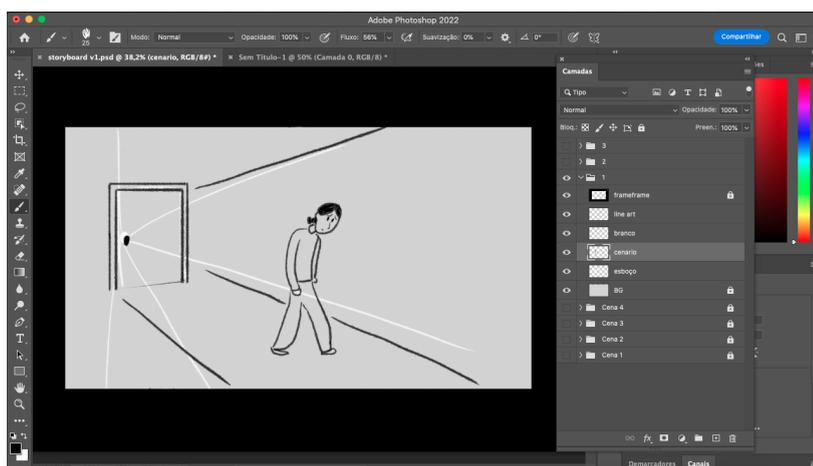
CENA 7

PLANO	AÇÃO/DESCRIÇÃO	TIPO DE PLANO	ÂNGULO
1	No carro, Samia está no banco do passageiro	Close	Perfil
2	e carrega seu	Close	Zenital

	vaso de planta no colo		
3	ela olha para planta que brilha um verde forte	Close	Frontal
4	e cresce uma bela flor com tons de verde e branco	Close	Zenital
5	Ela se impressiona	"	Frontal
6	e olha sorridente para esquerda onde está Aisha dirigindo o carro.	"	Perfil
7	Aisha olha de volta por um momento com um sorriso	"	Perfil
8	ela olha para frente ajeita seu hijab feliz.	"	Perfil

3.4.3 Registro do processo de produção

Depois do processo de visualização do roteiro em forma de planos, comecei a fazer o *Storyboard* digitalmente pelo Adobe Photoshop, primeiro separando cada cena em "camadas" do programa, e cada plano em "subcamadas". Inicialmente, em cada plano desenhei um esboço de perspectiva, e logo depois cada elemento que compõe o plano, como objetos, cenário e personagem. O *Storyboard* é feito pensando em ser simples e objetivo. Segundo Teixeira (2016, p.2): "[...] podemos afirmar que o processo de concepção do *storyboard* consiste, na representação visual das cenas que compõem um filme". No caso deste trabalho, os planos foram pensados para um filme de animação 2D. Os traços e estilo de desenho se mantêm para o futuro filme. O *Storyboard* produzido está disponível no apêndice 2.



4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Flor e o Hijab foi uma experiência muito gratificante, diferente de todas que eu passei na graduação. Quando tive a primeira ideia, não imaginava que ela ia se concretizar da forma que é agora. Com o conjunto de exercícios de roteirização e criação de narrativa visual, considero esses exercícios um sucesso e acredito que o futuro desta obra continuará.

Foi um aprendizado cheio de desafios, tratar de um tema tão complexo para nós ocidentais e brasileiras. E também, entender que não conseguiria abarcar e trabalhar em cima de todo o conteúdo que tem no Feminismo Islâmico. O tempo foi crucial, para que as minhas pesquisas focassem em entender, de forma geral, o tema, para que eu pudesse ter uma ideia de como começar o roteiro.

O *storyboard* resultou em sete cenas e 103 planos, foi mais difícil do que eu imaginava, o trabalho exige paciência e atenção. Mas apesar das dificuldades, gostei do processo e é algo com que quero trabalhar profissionalmente no futuro. Sou grata pela oportunidade de ter começado a estudar sobre isso no projeto final do curso.

Em relação ao produto final, pode-se concluir que esse exercício pôde alcançar o seu objetivo geral, de ilustrar um *storyboard* em cima da temática proposta. Além disso, obtive êxito nos objetivos específicos, que permitiram que o objetivo geral fosse alcançado.

Sobre as pesquisas de referência, foi muito importante criar um método de leitura e pesquisa organizado, do tema geral até suas especificidades. Sobre o grande tema do feminismo islâmico, concluo que, de uma visão ocidental, não é um assunto amplamente trabalhado no Brasil. Minhas pesquisas de comparação entre oriente e ocidente foram gerais.

Neste trabalho, usei o *storyboard* como ferramenta para se simplificar a forma de contar uma história, que será gerada e aperfeiçoada em forma de animação 2D. Uma grande dificuldade foi passar emoções através dos desenhos, como narrativa silenciosa. A narrativa e o teor infantil, se deu pelo fato de estarmos observando aquela história através do olhar de Samia, que apesar das brigas em casa, se refugia na imaginação como forma de escape. Achei essencial que o *storyboard* mostrasse cores em momentos específicos para o entendimento da mensagem,

mesmo que, essa ferramenta, na maioria das vezes, demonstre apenas cores em preto e cinza para mostrar a linha dos desenhos.

A criação dessa história para mim foi uma forma de tratar um assunto complexo de forma simples, apresentando um dos principais conceitos do femismo islâmico em forma de desenho.

Sobre o islâmismo no Brasil, especificamente sobre as mulheres que praticam essa religião, pude entrar em contato com poucas pesquisas, mas todas no geral, abordando o preconceito que elas passam aqui. Acredito que a forma como a mídia retrata essas mulheres, é um dos principais motivos para tais atos. Fico mais aliviada em ver, que apesar de ser um assunto novo, essa vertente do feminismo está crescendo e ganhando mais visibilidade.

Acredito que, a partir do entendimento sobre o tema, o audiovisual, como grande ferramenta de visibilidade, tem o papel de retratar mais a realidade atual sobre esse tema, dar voz às mulheres muçulmanas para que elas contem suas próprias histórias.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Flávia Ferreira de Paula; COSTA, Cristiane Henriques. **Jasmine: a representação da mulher e do Oriente sob a ótica da Disney**. Rio de Janeiro: ECO-UFRJ, 2015. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-3072-1.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2022.

AHMED, Leila. **Women and Gender in Islam: historical roots of a modern debate**. Connecticut: Yale University, 1992.

CASTRO, Cristina Maria de. Usar ou não o hijab no Brasil? Uma análise da religiosidade islâmica em um contexto minoritário. **Religião & Sociedade**, [S.L.], v. 35, n. 2, p. 363-383, dez. 2015. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0100-85872015v35n2cap15>.

DORLING KINDERSLEY (New York) (ed.). **The Islam Book: Big ideas simply explained**. New York: Dk Publishing, 2020.

ELIAS, Jamal J.. **Islam: religions of the world**. London: Taylor & Francis, 2005.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016. Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/HALL_Cultura_e_Representa%C3%A7%C3%A3o_-_2016.pdf. Acesso em: 20 ago. 2022.

HART, John. **The Art of the Storyboard: a filmmaker's introduction**. Burlington: Elsevier, 2008.

JOLY, Martine. **Introdução à Análise da Imagem**, Lisboa. Ed. 70. 2007.

KHATIB, Lina. **Filming the Modern Middle East: politics in the cinemas of hollywood and the arab world**. London: I.B.Tauris & Co. Ltd, 2006.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

MARTIN, Florence. **Screens and Veils: maghrebi women's cinema**. Bloomington: Indiana University Press, 2011.

MARTIN, Marcel. **A Linguagem Cinematográfica**. Lisboa: Dinalivro, 2005.

Tradução de: Lauro António e Maria Eduarda Colares.

MERNISSI, Fatima. **The Veil and the Male Elite**: a feminist interpretation of women's rights in islam. Nova York: Perseus Books Publishing, 1991.

MULVEY, Laura. **Visual Pleasure and Narrative Cinema**.” Film Theory and Criticism : Introductory Readings. Eds. Leo Braudy and Marshall Cohen. New York: Oxford UP, 1999: 833-44. Disponível em: https://www.composingdigitalmedia.org/f15_mca/mca_reads/mulvey.pdf. Acesso em: 11 jul. 2022.

OLIVEIRA, Bruna Cecília Carvalho. **O cinema de mulheres no contexto do feminismo islâmico**: o caso da samira makhmalbaf. 2016. 91 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga, 2016. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/47981/1/Bruna%20Cec%C3%A9lia%20Carvalho%20Oliveira.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2022.

ORTUNES, Leandro. A construção da imagem do “outro”: ocidente e oriente médio e suas representações na mídia impressa e na produção audiovisual. **Ação Midiática – Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura**., [S.L.], n. 10, p. 333, 21 dez. 2015. Universidade Federal do Paraná. <http://dx.doi.org/10.5380/2238-0701.2015n10p333-354>.

PAEZ, Sergio; JEW, Anson. **Professional Storyboarding**: rules of thumb. Burlington: Focal Press, 2013.

SOUZA, Antonio Cesar Fialho de. **Desvendando a metodologia da animação clássica**: A arte do desenho animado como empreendimento industrial. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2005. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp023702.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2022.

TEIXEIRA, P.M. et al. **O Storyboard: Ensaio de uma narrativa planificada**. CONFIA. International Conference on Illustration & Animation, Barcelos, Portugal, p.619 -627, jun. 2016.

VIEIRA, Maria Eduarda Antonino. Religião, feminismo e islã: perspectivas do feminismo islâmico. **Mandrágora**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 5-38, 22 nov. 2018. Semestral. Disponível em:

<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MA/article/view/9034>.

Acesso em: 24 jul. 2022.

6. APÊNDICES

1. Roteiro

INT.QUARTO.DIA

Samia(8) cuida de sua planta que está em um vaso pequeno na janela, é uma pequena muda de planta. Ela toca a planta e observa com uma expressão alegre. Aisha (30), que veste uma blusa verde e seu hijab, entra no quarto devagar e surpreende a filha com um beijo na cabeça, Samia sorri. Aisha entrega um livro à Samia, esse livro é cheio de cores e texturas. O livro solta cores pelo quarto. Salem(45), olha pela fresta da porta, com um olhar preocupado, franzindo as sobrancelhas, ele observa apenas as duas rindo e olhando para o livro.

INT.SALA.DIA

Salem fecha a porta do quarto devagar. Se vira para a sala e caminha em direção a poltrona. Senta e assiste televisão. (Na televisão passa um jogo de futebol brasileiro). Ele escuta as risadas da filha. Olha de canto de olho para o quarto, ainda com o rosto preocupado e franzido, ele solta um som de resmungo. Por mais que o som da TV seja alto e alegre, na sala o ambiente tem cores pálidas e acinzentadas.

INT.QUARTO.NOITE

Samia está de olhos fechados deitada em sua cama. Ela escuta vozes e abre os olhos. As vozes de briga são de Salem, agressivas, altas e abafadas e de Aisha. Samia pega o cobertor e leva até o pescoço, sua expressão é de medo. Ela fecha os olhos com força. Ela se afunda na cama e agora ela está em um ambiente todo preto. Ela fica em preto e branco. Palavras agressivas aparecem, Samia fecha os olhos com força e balança a cabeça em um gesto de "não". As palavras desaparecem. Em seguida, manchas brancas e verdes aparecem ao seu redor, e ela interage com alegria a esses elementos.

INT.QUARTO DE AISHA. DIA

No dia seguinte, Samia observa sua mãe ajoelhada fazendo a Salah, logo depois Aisha se levanta e vai se arrumar na frente do espelho, Aisha sentada passa batom na boca e coloca o hijab. Samia observa a ação da mãe em detalhe, vê o batom com uma cor muito viva. Aisha passa o batom na boca de Samia, ela se mexe e fica borrado atravessando o rosto, as duas dão risadas altas. Junto com as risadas, o quarto brilha em amarelo. Salem entra no quarto, abre a porta com força aos gritos. A cor do quarto vai se apagando lentamente para a cor cinza enquanto Samia abaixa a cabeça. Salem tira o batom da mão de Aisha, e faz um gesto com a mão para Samia

sair do quarto. Samia sai em silêncio e rapidamente. Aisha se levanta com raiva, e ela e Salem se olham.

INT.PLANO NA IMAGINAÇÃO.DIA

Samia está no corredor e vê um grande círculo colorido na sua frente, ela olha alegre e entra no círculo, nesse universo vemos tudo branco, e pequenas bolinhas em todo lugar. Em seus pés aparece um piano gigante e ela começa a pisar e pular nas teclas. Muito feliz e animada. Ela é puxada por uma transição, ver-se ela saindo do livro que sua mãe lhe deu. Esse livro brilha intensamente. Agora ela está dentro do quarto. Olhando o livro, com o rosto feliz.

INT.CORREDOR.ENTARDECER

Aisha anda pelo corredor da casa furtivamente, com uma mochila nas costas, olha para trás, para os lados, e anda confiante. Ela entra no quarto de Samia. Samia está sentada na cama lendo o livro que sua mãe lhe deu, o livro brilha um pouco. Samia fica um pouco confusa com a entrada da mãe, que entra com um sinal para a filha fazer silêncio. Aisha abre o guarda roupa e coloca algumas roupas na mochila que está no chão. Ela dá a mão para Samia, Samia olha a mão e olha a mãe. Elas dão as mãos.

INT.CARRO.NOITE

No carro, Samia está no banco do passageiro, e carrega seu vaso de planta no colo, ela olha para planta que brilha um verde forte e cresce uma bela flor com tons de verde e branco. Ela se impressiona e olha sorridente para a esquerda onde está Aisha dirigindo o carro. Aisha olha de volta por um momento com um sorriso, ela olha para frente ajeita seu hijab feliz.

2. Storyboard

